



HANDEL — ÁRIAS E PEÇAS

Fagioli (ct), Il pomo d'oro

Gulbenkian, Lisboa, dia 21 de novembro

Um dos concertos mais aguardados da temporada da Gulbenkian Música era a estreia em Lisboa do contratenor argentino Franco Fagioli, integrado no ciclo Grandes Intérpretes. O Grande Auditório não esgotou, mas o público entusiasmado recebeu o grande cantor em triunfo. O tom não é dos mais belos, mas o que distingue Fagioli dos seus colegas de registo é a extensão da voz (praticamente três oitavas), um fôlego incrível, uma virtuosidade técnica assombrosa, uma imaginação estonteante na *coloratura* ornamental e, acima de tudo, uma musicalidade impecável. Por uma vez partilhámos da excitação que se atribui às proezas dos castrati! Não há — nunca houve — um contratenor assim (por exemplo, capaz de saltar dos agudos e médios para um sonoro e sumptuoso registo grave). Acrescentaria até que um tal arrojo vocal não se ouve desde os tempos gloriosos de Marilyn Horne, a grande dama do canto rossiniano e handeliano (que os portugueses aplaudiram em Setúbal em 1992). O luxo maior foi dedicar todo um programa a Handel: nove árias italianas e três peças orquestrais (entre as quais a líricamente sublime "Trio Sonata em Sol maior, op. 5 nº 4", um dos pontos altos da noite, com destaque para a concertino, Zefira Valova). São concertos destes que me levam a pensar se não será Handel o maior compositor do mundo e de todos os tempos? A invenção tímbrica ao serviço da emoção é sempre surpreendente. Ajuda, claro, termos uma orquestra barroca jovem com o nível de Il pomo d'oro — desta vez a atuar sem maestro (embora os meneios de cabeça e a fisicalidade pendular de Fagioli contribuíssem para a definição rítmica). Só é pena a Gulbenkian ainda não ter aprendido a grafar corretamente o nome do compositor... Como diz a máxima latina, "errar é humano; persistir no erro é que é diabólico"... Fagioli seguiu a tradição de alternar árias patéticas (lentas e desconsoladas) com árias de bravura (rápidas e desafiantes), cobrindo três décadas de criatividade handeliana, do "Rinaldo" (1711) a "Imeneo" (1740). (A orquestra também nos deu a Passacaglia da sua primeira ópera italiana, "Rodrigo", estreada em 1707.) Solista e Pomo d'oro extasiaram-me no violinístico (e ornitológico) 'Se in fiorito ameno prato' de "Giulio Cesare in Egitto" (1724). O contratenor só me desapontou na mais bela, longa e mágica de todas as árias (introduzida pelo fagote) — a 'Scherza infida', de "Ariodante" (1735) — não porque a garganta falhe, mas porque a tessitura assenta no registo médio, o menos exuberante da sua voz. Solista e orquestra corresponderam à excitação do público com dois extras: a célebre 'Ombra mai fù', dedicada a um plátano (!), do "Serse" (1738), e uma ária do "Oreste", um pasticcio de Handel estreado em 1734. À saída lembrei-me do luminoso poema de W. B. Yeats, 'The Song of Wandering Ængus', que anseia pelas "maçãs prateadas da Lua, as maçãs douradas do Sol". Afinal, pode-se atingir o impossível. / JORGE CALADO